

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA  
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS  
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO  
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS  
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA  
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.  
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.  
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO  
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-  
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO  
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO  
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE  
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO  
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL  
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO  
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO  
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA  
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

---

# HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



---

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
LISBOA • 1992

## A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA E OS ESTUDOS CAMONIANOS

JUSTINO MENDES DE ALMEIDA \*

Desejaria com esta minha breve intervenção mostrar que efectivamente a Academia das Ciências de Lisboa, por forma directa e indirecta, contribuiu de maneira decisiva, como nenhuma outra instituição cultural, para o progresso dos Estudos Camonianos.

Esta minha preocupação resulta de não querermos que neste domínio de estudos, que constituem a Camonologia ou Camonística, em que a Academia das Ciências tem ocupado lugar de primeira, possa, de qualquer forma, criar-se uma situação de dúvida que ponha em causa as nossas reais possibilidades e os direitos que já conquistámos.

A Academia das Ciências de Lisboa deverá prosseguir na dianteira dos Estudos Camonianos.

\*

Pode dizer-se que a Camonologia, Camonística ou Estudos Camonianos, teve sua origem verdadeiramente a partir de 1880 com as comemorações do 3.º centenário da morte de Camões, ou talvez uns anos antes, por 1860-1869, com a edição da obra lírica de Camões pelo Visconde de Juromenha. Origem como ciência moderna, com algumas exigências de método e certo rigor na investigação e na pesquisa documental, que, na segunda metade do séc. XIX, o espírito científico,

---

\* Universidade Autónoma de Lisboa «Luís de Camões».

em particular de fonte germânica, impôs à Europa. Métodos novos que em Portugal encontraram um arauto em Adolfo Coelho.

Ciência moderna dizíamos, porque a vida e obra de Camões desde há muito, há séculos, que vinha sendo objecto de disquisição, de tal maneira que um camonólogo do nosso tempo, e eminente académico, Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, na breve «nota introdutória» à edição anastática das *Rimas Várias*, de Luís de Camões, publicada em 1972, ano glorioso de edição de textos camonianos, não hesitou em escrever: «O ficarem acessíveis aos estudiosos de Camões, juntamente com *Os Lusíadas* comentados por Faria e Sousa, as *Rimas* por este mesmo comentadas, representa para eles benefício inestimável. Basta dizer que a erudição assombrosa do extraordinário humanista se manifesta copiosamente e sob vários aspectos na exegese textual. Se é certo que muitas correcções e restrições importa fazer-lhe, reclamadas pela moderna ciência filológica, não é menos verdadeiro que jamais alguns camonista a igualou na opulência e na variedade.»

Temos, pois, no séc. XVII Faria e Sousa como o primeiro grande estudioso de Camões. «No século XIX serão mais os estrangeiros que os Portugueses a interessarem-se por algo mais que *Os Lusíadas*.» Assim nasceu uma nova época em relação aos estudos sobre a vida e obra de Camões, na qual desempenhou papel de grande relevo o alemão Wilhelm Storck. Na verdade, Storck, conjuntamente com D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, contribuíram decisivamente para a consolidação da jovem ciência.

Injusto seria, porém, esquecer o papel fundamental aqui representado por eruditos e estudiosos brasileiros, alguns eminentes académicos, com relevo para Afrânio Peixoto e Pedro Calmon, mas sem olvidar os livros de Miguel de Lemos, *Luís de Camões* (Paris, 1880), Joaquim Nabuco, *Camões e «Os Lusíadas»* (Rio de Janeiro, 1821), Afonso Costa, *O Génio de Camões* (Rio, 1821), Pedro Pinto, *A margem dos «Lusíadas»* (Rio, 1923) e Sílvio de Almeida, *Estudos Camonianos* (São Paulo, 1924).

Após 1880, o que de imediato se apresentou aos estudiosos de Camões foi a necessidade premente de estabelecer, para a obra do Poeta, um texto tão definitivo quanto possível. Desiderato ainda não conseguido, diríamos que tal se verificou também em relação à vida de Camões: continuam a circular, com o mesmo grau de impunidade, as construções poéticas, anti-históricas, literariamente belas, mas inaceitáveis, de que é exemplo frisante o *Camões*, de Almeida Garrett, por isso mesmo alvo da crítica implacável de Camilo Castelo Branco.

Em Portugal, deu a sua contribuição importante para a Camonologia Teófilo Braga, académico que foi igualmente quem mais participou na preparação do ambiente para a consagração nacional de 1880, na convicção em que estava de que esta poderia ser um factor decisivo para a renovação espiritual e política da Nação. A Teófilo Braga se ficou a dever, entre muitos outros trabalhos, um volume de mais de 800 páginas sobre a época, a vida e a obra de Camões — que lhe mereceu consagração no estrangeiro: a Sociedade Científica - Artística - Literária Luís de Camões, de Nápoles, concedeu-lhe a sua Medalha de Honra —, obra que, não tendo agradado inteiramente em Portugal, foi julgada com excessiva severidade, sendo ainda hoje de leitura proveitosa, desde que haja o cuidado de lhe retirar certas deduções imaginosas e até alguns erros graves. As faltas principais de Teófilo Braga consistem em persistir na reconstituição de uma biografia de Camões, até naqueles aspectos em que a documentação falta de todo, e em aceitar textos e informações tradicionais sem o menor espírito de exigência crítica. Mas o imenso material que acumulou, sendo prudentemente seriado, não é de todo inútil em nossos dias.

As comemorações do 3.º centenário da morte de Camões, que despertaram no nosso país a consciência da autonomia e da missão histórica de Portugal, centraram-se em torno de *Os Lusíadas*, livro que, no dizer de Camilo, ao fim de três séculos alvoroçou uma nação inteira. A partir de então, todos procuraram transportar a sua pedra para o templo da Camonologia. As edições, traduções e estudos então produzidos, quer em Portugal, quer no estrangeiro, são em número quase ilimitado, ocupando sempre um lugar de relevo os estudos de José Maria Rodrigues, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Alexandre de Albuquerque, Edgar Prestage, Aubrey Bell, António Sérgio e Afonso Lopes Vieira.

Não vamos aqui citar todos os académicos camonistas — nem o tempo destinado a uma comunicação o permitiria. Lembramos apenas alguns, que temos por mais representativos, e por ordem cronológica.

Seja o primeiro José Ramos-Coelho (o mais esquecido!), cuja obra poética, traduzida em várias línguas, se encontra dispersa por volumes, folhetos e periódicos. Na Academia foi relator do parecer relativo à publicação do livro de Leite de Vasconcelos, *O Dr. Storck e a Literatura Portuguesa*, de análise do biógrafo alemão e estudioso da obra do Poeta.

A Camões dedicou Ramos-Coelho três poemas: o primeiro, *Camões e a Pátria*, oferecido a Estácio da Veiga, começa por esta estrofe:

*É possível? A pátria deslembrada  
Os teus restos, Camões, enfim procura,  
E curva sobre a terra e desvelada  
Busca-te arrependida a sepultura?  
É esta a pedra humilde e consagrada?  
Coube aqui tanta glória e desventura?  
É este o porto onde o cantor divino  
Veio acabar o seu fatal destino?*

O segundo poema a *Camões*, redigido em 1867, insere-se no clima preparatório das comemorações de 1880, com a publicação da obra, de certa monumentalidade, que o Visconde de Juromenha iniciara:

*O teu livro, ó Camões, ó poeta divino,  
Resume um povo inteiro e de um povo o destino:  
Sua origem, seu nome, e o seu formoso solo,  
Fértil berço de heróis, que de um pólo a outro pólo,  
Desde a extrema do Ocaso ao remoto Oriente,  
Levaram seu pendão vencedor e potente,  
Entre o ferro, entre o fogo e as procelas do abismo,  
Semideuses no esforço, exemplos de heroísmo ...*

O terceiro poema, à *Inauguração do Monumento a Camões*, dedica-o Ramos-Coelho a outro camonista, o Dr. Xavier da Cunha:

*A teus pés, ó Camões, um povo inteiro  
Hoje se prostra humilde e arrependido:  
Das glórias suas ao cantor guerreiro  
O preito rende há séculos devido.  
(...)*

Mas não seria apenas por esta produção poética que Ramos-Coelho entraria no número dos académicos camonistas: devem-se-lhe também trabalhos históricos e críticos, como *A Mãe de Camões*, a propósito de um passo da biografia do Épico, e *Camões e Macedo*, este de 1911.

A contribuição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos para a Camonística foi notável, por isso que o Prof. José Maria Rodrigues pôde escrever que ao seu nome «pertencerá sempre um lugar primacial na história dos estudos camonianos, tal a importância dos serviços que a estes prestou a ilustre Senhora». A Academia homenageou-a, elegendo-a sócio, conjuntamente com D. Maria Amália Vaz de Carvalho, e dessa homenagem há notícia circunstanciada no vol. V (1911) do *Boletim da Segunda Classe*.

Foi em 1880, data das comemorações camonianas, que se iniciou a longa série de estudos camonianos de D. Carolina Michaëlis, com artigos publicados na Alemanha sobre a tradução que W. Storck fizera das obras de Camões. De Storck traduziu também *Vida e Obras de Luís de Camões*. Camonianos são também os estudos seus sobre *O Cancioneiro Fernandes Tomás* e *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*. Para além do seu importante trabalho, *Investigações sobre Sonetos e Sonetistas Portugueses e Castelhanos*, publicado na *Révue Hispanique* (1910), há ainda uma longa série de publicações camonianas, muito úteis ao investigador: *O texto das Rimas de Camões e os apógrafos*, de 1882; *Contribuições para a bibliografia camoniana*, *Materiais para um índice expurgatório da lírica camoniana*, «*Sete anos de pastor Jacob servia*», de 1889, *Notas Camonianas*, *Justa fué mi perdicion*, *Primeiros anos de Camões*, todos de 1890, mais *Notas Camonianas*, de 1901, sobre *Os Lusíadas*, *O Vilancete de Luís de Camões aos Olhos-Gonçalves*, publicado no vol. XII do *Boletim da Segunda Classe* (1919) e, por fim, as suas últimas palavras camonianas, publicadas no *Diário de Lisboa*, de 4 de Fevereiro de 1924, que recordamos:

#### «CAMÕES ENAMORADO

O grande artista que disse:

*Amor é um fogo que arde sem se ver,  
É ferida que dói e não se sente,  
É um contentamento descontente,  
É dor que desatina sem doer,*

definindo admiravelmente nas catorze exclamações de um soneto o que é o Eros dos Helenos e o que são as lágrimas das coisas; o que na canção autobiográfica confessa que

*As lágrimas da infância já manavam  
Com uma saudade namorada,  
E o som dos gritos que no berço dava  
Já como de suspiros lhe soava ...*

claro que foi, sem dúvida alguma, mais do que um namorado, foi um verdadeiro apaixonado.

E sempre apaixonado! Desde a cabeça de oiro e neve de Coimbra, pela alma gentil de Natércia, os corpos ardentes de Bárbara e de Dinamene, a nobreza de D. Francisca de Aragão, e a excelsa infanta D. Maria, que platonicamente, mas «de profundis» adorava! constantemente amava.

Queremos restringir na nossa memória os amores de Camões a um só veneno amoroso, a triaga de um só doce e piedoso mover de olhos, parece-me mal, mesquinho e desumano.

De apenas um exemplo clássico do amor único sei. É o superiormente exteriorizado de Petrarca, da *vida e morte* de Madonna Laura. Mas, belo embora, ele é para mim ... teatro. A realidade era outra, como sabem muito bem os que estudam a história das literaturas e sobretudo a vida humana.»

A grande Mestra também se consagrou ao estudo de *Os Lusíadas*, de que publicou uma edição em 1904, na «Biblioteca Românica», precedida de uma extensa introdução. Só que D. Carolina seguiu a edição, datada de 1572, menos aconselhável: a que apresenta na portada o pelicano com o bico virado para a direita do observador, ou seja, a edição *E*, o que levou o Doutor José Maria Rodrigues a observar mais tarde: «Estou convencido que hoje a Mestra insubstituível, cuja perda todos deploramos, modificaria neste ponto as suas opiniões.»

Mas a grande figura de camonista na nossa Academia foi o Prof. José Maria Rodrigues: a maior, pelos estudos que nos legou sobre Camões e a sua obra, e pelos discípulos que formou. Foi verdadeiramente notável, com os seus 47 trabalhos, muitos deles publicados no *Boletim da Segunda Classe* e nas *Memórias*. São, por exemplo, do *Boletim*, *O Campo já Dito Elísio dos Lusíadas* (1913), *Notas para uma Edição Crítica e Comentada*

*dos Lusíadas* (1920) e *A propósito das Éclogas de Vergílio e de Camões* (1931); é das *Memórias*, *A propósito da Palavra Lusíadas* (1938).

Todos estarão por certo recordados da famosa polémica travada com o almirante Gago Coutinho sobre *A Dupla Rota de Vasco da Gama em «Os Lusíadas»*, que deu origem a uma série de interessantes e vigorosos artigos, publicados na *Biblos*, revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Já nem todos estarão lembrados do artigo que publicou na *Revista de Cultura*, do Rio de Janeiro, sobre *Camões: as suas declarações de amor à infanta D. Maria e as consequências que daí lhe advieram*, tese que desenvolveu no extenso trabalho, tão convictamente regido, sobre *A Tese da Infanta nas Líricas de Camões*, matéria à qual a crítica moderna não pode deixar de opor as maiores reservas, mas que, nem por isto, deve ser menos admirado como testemunho ardente do seu culto ao nosso Poeta Maior.

Notável é também o seu estudo *Algumas Observações a Uma Edição Comentada dos Lusíadas*, extenso volume de crítica à edição de Epifânio Dias.

Durante muito tempo, ouvimos chamar à edição de Epifânio a melhor edição de *Os Lusíadas*, e disso nos convencemos. Hoje pensamos de maneira um pouco diferente: é uma boa edição, mas já não é a melhor, nem é aconselhável para estudantes. Cremos que a edição do Prof. Costa Pimpão a substitui com vantagem. Além disso, da análise do texto dessa edição, que temos feito, com vista à preparação de uma nossa, que levamos entre mãos, concluímos que não é assim tão exacta como pensávamos. Diga-se só que no famoso v. 7 da est. 1.<sup>a</sup> do canto I, «E entre gente remota edificaram», lição que os camonistas responsáveis aceitam, Epifânio prefere a lição «Entre gente remota edificaram», da edição *E*, tida por menos exacta.

Deve-se à Academia das Ciências o serviço inestimável de mandar reimprimir as *Fontes dos Lusíadas*, obra monumental do Prof. José Maria Rodrigues, há muito esgotada e indispensável aos camonistas. Na Academia apresentou ainda o sábio Mestre comunicações como *Apontamentos para Um Comentário de Algumas Estâncias d'Os Lusíadas e Dois versos d'Os Lusíadas: III, 65-5, e IX, 21-6. Tentativa de reconstituição do texto primitivo*.

Em 1921, o Dr. Jaime Cortesão, então director da Biblioteca Nacional de Lisboa, convidou o Prof. José Maria Rodrigues para preparar uma edição nacional de *Os Lusíadas*, que considerava a obra portuguesa mais representativa da nossa literatura.

O académico Prof. José Maria Rodrigues desempenhou-se da sua missão com toda a probidade. E assim, através dos seus académicos, a Academia das Ciências também promovia, fora dela, o desenvolvimento dos Estudos Camonianos. O caso do Prof. José Maria Rodrigues é, sem dúvida, o exemplo mais expressivo desta actividade, verdadeiro sacerdotício, de extensão académica, pela qual se fomentou o culto à Camonologia, dentro e fora da Academia das Ciências.

Em 1929, publica ainda o estudo: *Camões: o soneto «Quando cuida»*, uma vez mais relacionado, como se esforça por demonstrar, com os alegados amores do Poeta pela Infanta.

De José Leite de Vasconcelos e de Agostinho de Campos, que diremos senão que também aos estudos camonianos, ainda que não tivessem constituído a sua opção em investigação, lhes dedicaram contudo toda a atenção, devendo-se até a Agostinho de Campos uma boa edição da *Lírica*?

Grande pedagogo, responsável pela publicação de uma vasta antologia da literatura portuguesa, em que incluiu a obra lírica de Camões, Agostinho de Campos dedicou ao nosso poeta uma conferência que pronunciou, em 10 de Junho de 1929, no pavilhão português da Exposição de Sevilha; em 10 de Junho de 1935, na Calçada de Sant'Ana, local onde se pensava que Camões tinha sido enterrado, por ocasião do descerramento de uma lápide, disse *Algumas palavras sobre o culto de Camões*. Mais tarde, na Faculdade de Letras de Coimbra, no Curso de Férias de 1935, dedicou um extenso estudo ao soneto em geral, com particular ênfase sobre os sonetos camonianos.

A Agostinho de Campos se deve ainda um estudo sobre o soneto de Camões «Sete anos de pastor Jacob servia», com que responde aos comentários do filólogo brasileiro João Ribeiro, e de que há notícia no vol. XX do *Boletim da Segunda Classe* (1926-1929).

A terminar esta enunciação, lembre-se Rebelo Gonçalves, a quem se devem as melhores e mais seguras propostas de revisão dos textos camonianos, dispersas por diferentes revistas, como a *Revista de Portugal*, a *Ocidente*, a *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, e, sobretudo, as intervenções arquivadas no *Boletim da Segunda Classe* (como a comunicação, considerada «brilhante», *Para uma nova edição nacional da epopeia camoniana* — 24 de Novembro de 1955) e nas *Memórias* (Classe de Letras, tomo IV, 1946: *A História de Tito Lívio e a Epopeia Camoniana*), que o estudioso, quer de *Os Lusíadas*, quer das *Rimas*, não poderá deixar de tomar em consideração. E não se esqueça que

também alguns desses trabalhos foram impressos longe daqui, como as *Dissertações Camonianas* (São Paulo, 1937) e o trabalho que dedicou ao tema tão momentâneo, mas tão descuidado, da *Pontuação de Versos d'Os Lusíadas*, que viu a luz no *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, em Angra do Heroísmo (1957).

De outros académicos camonistas se poderia falar, como seja o caso de Henrique Lopes de Mendonça e dos seus estudos sobre o teatro de Camões, discutidos em sessão da Classe de Letras, de 19 de Abril de 1928.

Dos mais recentes, salientaria o nome dos académicos José V. de Pina Martins, autor de excelentes trabalhos camonianos e editor do *Vincentius Levita et Martyr*, de André de Resende, onde se encontra a explicação da origem da palavra *Lusíadas*, e é afinal uma das fontes de Camões, como já foi salientado pelo Prof. José Maria Rodrigues, assunto a que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos dedicara uma erudita nota, em 1905; de Américo da Costa Ramalho, autor de estudos camonianos vários; e do Prof. Eng.º Doutor Abreu Faro que, na qualidade de presidente do então Instituto de Alta Cultura, promoveu a edição de *Os Lusíadas* devida ao Prof. Costa Pimpão.

Do que dissemos, não se deduza que pensamos que, fora da Academia, não houve quem muito tivesse contribuído para o progresso dos estudos camonianos: aí estão Epifânio Dias, Hernâni Cidade e Costa Pimpão. Do primeiro, juntamente com Teófilo Braga, disse José Maria Rodrigues: «Posso não concordar — e não concordo — com eles em muitas das suas opiniões, mas foram dois trabalhadores incansáveis, que nos legaram o alto exemplo de uma vida entregue ao estudo e fizeram progredir os nossos conhecimentos no que respeita à vida e à interpretação das obras de Camões.»

A fundação da cadeira de Estudos Camonianos, ou cadeira de Camões, em 1927, na Faculdade de Letras de Lisboa, à semelhança da de Dante, em Florença, e de Vítor Hugo, em Paris, em que teve intervenção o académico José Maria Rodrigues, foi, na verdade, decisiva para os progressos que vieram a verificar-se nesses estudos no século presente.

«No primeiro número do programa que incumbe a esta cadeira se acham inscritas a publicação de uma edição crítica e largamente comentada dos *Lusíadas* e a de uma edição popular, acompanhada de notas sóbrias e claras, indispensáveis para a compreensão do texto.»

Se já existe a segunda, a primeira continua a faltar — tarefa que está cometida à Academia, que assim não desmerecerá dos seus perga-

minhos camonianos. Para já, a publicação de uma edição anastática das duas edições de *Os Lusíadas*, datadas de 1572, que a Academia promoveu, dentro do programa de publicações comemorativas do 2.º Centenário da Fundação da Academia, foi um excelente serviço prestado aos estudiosos de Camões.

Quem se der ao trabalho, muito proveitoso, de percorrer os volumes do *Boletim da Segunda Classe* e das *Memórias da Academia das Ciências* (Classe de Letras), nos relatos das diferentes sessões, que decorriam de forma bem diversa da actual, e nos textos das comunicações, haverá de concluir que são um manancial de valiosíssimas informações para os estudos históricos, literários e linguísticos. Mais ainda: diríamos que são uma fonte preciosa de sugestões para futuros trabalhos.

Relativamente aos Estudos Camonianos, cremos que os exemplos de académicos que recordámos — e outros poderíamos mencionar —, conjuntamente com as iniciativas editoriais, se muito nos honram, também muito nos responsabilizam.

Não percamos a dianteira que, por muitos anos, ocupámos!

Também aqui, estou disso certo, porque tudo o indica: a Academia das Ciências de Lisboa mostrar-se-á digna dos seus camonistas que, em pleno séc. XX, elevaram muito alto o nível da Camonística em Portugal.

TEMAS E PROBLEMAS  
DAS CIÊNCIAS HUMANAS NO TEMPO PRESENTE:  
A ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
E A HISTORIOGRAFIA DA CULTURA MEDIEVAL

FRANCISCO DA GAMA CAEIRO \*

Summary

Themes and problems of the humanities, as presently developed, within the specific field of medieval culture, by the Lisbon Academy of Sciences, are here described in a succinct perspective.

The subject matter is presented in such a way as to lead to an examination of the theoretical grounds of the concepts of history and culture underlying the production of those scholars which, at the time of the reading of this paper (1989), were members of the Academy.

Particular attention is given to the examination of the methodological leanings of some of these, as exhibited in their more significant works published in this field. By order of reference, Mário Martins, José Mattoso, J. Cerqueira Gonçalves, A. Moreira de Sá, L. de Sousa Rebelo, L. Lindley Cintra, M. Helena da Rocha Pereira, M. J. de Almeida Costa, Martim de Albuquerque, P. Soares Martínez, J. Borges de Macedo, J. Veríssimo Serrão. Other Academicians also deserve passing mention.

The present research, though very brief and fragmentary, aims at stressing the weight and quality of work produced, its methodological pertinence, the pluralism and originality of conceptions of its authors, in terms of a effective contribution to the advancement of Portuguese medieval cultural historiography.

No caso específico das Ciências Humanas, quando um dia se proceder a um inquérito, necessário e urgente, sobre as modalidades de desenvolvimento e sentido de direcção em que no nosso tempo se veri-

\* Professor Catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa.